

# *O ANO DE 1993. A POESIA DISTÓPICA DE JOSÉ SARAMAGO*

MARÍA VICTORIA FERRARA

Ao ler o resumo apresentado para esta aula, muitos terão percebido, certamente, a existência de um livro de poesia de autoria saramaguiana, isto é, José Saramago – Prêmio Nobel de Literatura em 1998 – foi além dos romances<sup>1</sup>. Quem sabia algo a respeito talvez se surpreenda pelo ano de sua publicação, 1975, a apenas um ano depois da Revolução dos Cravos, e pelo gênero distópico e sua relação com o tema elegido – a ocupação de um país por um invasor totalitário e implacável, num espaço e tempo apocalipticamente apropriado a Dalí – para a elaboração dos 30 poemas que dão forma a obra de *O ano de 1993*.

Neste ano de 2016, a Cátedra Libre José Saramago, radicada na Universidad Nacional de Córdoba, toma como eixo principal as obras da década de 1970 do Prêmio Nobel. Uma década em que o autor português, afiliado ao Partido Comunista, se consolida como jornalista opositor do salazarismo e acérrimo defensor dos ideais que desencadearam a queda da ditadura. Mas a pouco mais de um ano da Revolução dos Cravos, comprometido com uma causa e não com os homens que governam em nome dela, encontra grandes dissidências com o governo e é despedido de seu cargo de redator chefe no *Diário de Notícias*, em novembro de 1975, “em consequências [segundo as próprias palavras do escritor]<sup>2</sup> de mudanças ocasionadas pelo golpe político-militar em 25 de daquele mês, que freou o processo revolucionário”<sup>3</sup>. *O ano de 1993* é a primeira obra depois desta decisão e constitui, segundo o autor na ocasião de prologar sua *Poesia completa*, numa ponte entre sua obra lírica e sua prosa.

los nexos, los temas y las obsesiones de un cuerpo literario en tránsito, de este escritor que se viene observando a sí mismo como una especie de continua crisálida [...] La crisálida se

mueve en el lugar oscuro en que se encerró, el escritor se mueve en el lugar oscuro que es. // Ese movimiento, el tiempo psicológico e interior al que antes hice referencia, fue el que, poco a poco, convirtió al poeta incipiente en novelista aceptable. El primer paso en el camino lo condujo a un segundo libro de poesía, *Probablemente alegría* (1970), que, desarrollando y depurando el tratamiento de temas que ya estaban en *Los poemas posibles*, se abre a orientaciones nuevas que lo aproximan al poema en prosa, en particular al versículo como célula rítmica y melódica, del que son ejemplos “Protopoema”, “La mesa es el primer objeto”, “En la isla a veces habitada”. Esta apertura a una expresión diferente en la obra del autor, liberado de los amables constreñimientos de la métrica y de la rima, se completaría en el tercer y último paso que es *El año de 1993*, publicado en 1975, en el auge del movimiento revolucionario popular subsecuente del derrumbamiento de la dictadura en Portugal (SARAMAGO, 2005, p.12).<sup>4</sup>

Depois disso, entrará prontamente na profissão de escritor iniciando sua vasta produção em prosa com *Manual de pintura e caligrafia* (1977) e o seu primeiro período, como classificou Miguel Koleff: formação. (2005, p.17-26).

À medida que se conhece *O ano de 1993*, se descobre como o autor português recorre a inumeráveis símbolos e estratégias que identificam a obra, a um só tempo, como discurso distópico, surrealista e político; permitindo-lhe a denúncia de possíveis ou hipotéticos desenvolvimentos perniciosos da sociedade desse ou de qualquer momento. E ao lado destes reconhecimentos surgem as seguintes perguntas: por que Saramago publicou uma distopia em 1975, “en el auge del movimiento revolucionario popular subsecuente del derrumbamiento de la dictadura en Portugal”, tal como citamos acima? O que o levou a eleger o surrealismo entre os movimentos artísticos vanguardistas, a poesia entre os gêneros literários e o versículo como “medida rítmica e melódica” para tratar um tema de tantas conotações político-sociais? E, finalmente, quais elementos, recursos e símbolos presentes no texto permitem encontrar o José Saramago posterior, o de sua narrativa?

Segundo o testemunho do Prêmio Nobel, escreveu o primeiro poema que integra esta obra em 16 de março de 1974, um mês antes da Revolução de 25 de abril, produto da frustrada intenção de um pequeno grupo de militares por derrubar o governo e produzir a troca de regime. Depois dos acontecimentos posteriores abandonou o projeto até 1975, época em que a situação política do país havia mudado radicalmente, José Saramago começava a desiludir-se com os rumos

tomados pela vitória. Desta maneira manifestava, em 1993, a razão da publicação italiana da obra:

Escribo estas palabras en 1993. Los sufrimientos no han terminado o iniciado la felicidad. Y esta vez, la frase después de la frase, sílaba tras sílaba, ¿cuántas personas en el mundo aquí y en otras partes, no leerían este libro como el libro de su gran dolor y su esperanza inmortal?

E ao mesmo tempo declarava:

He intentado describir en estos poemas la angustia, el miedo y también las esperanzas de un pueblo oprimido que supera gradualmente, desde la renuncia y la resistencia organizada a la batalla decisiva y la vuelta a la vida, redimido al precio de miles de muertos. Me moví hacia el futuro, la historia de este pueblo, de la gente de un país sin nombre, imagen de que sufrieron y sufren la tiranía (SARAMAGO, 2001, p.223)

Assim, uma obra que carrega algumas limitações em sua própria gênese e a continuidade de sua história interna: “poesia datada”, como Saramago denomina toda sua lírica, expressando a violência fascista do salazarismo mas, devido às circunstâncias históricas, alcançando uma denúncia mais ampla, ante todo abuso de poder, contra todas as formas de violência e opressão sem importar tempo ou lugar.

Theodor Adorno, em “Discurso sobre lírica y sociedad”, considera que a referência ao social não desqualifica a poesia como obra de arte, pelo contrário, a introduz mais profundamente nela. O conteúdo de um poema não é meramente a expressão de emoções e experiências individuais, mas estas, tal como faz Saramago, chegam a alcançar o valor do artístico quando cobram participação no universal, por meio, precisamente das suas especificidades, que é seu estético sentido de tomar forma.

*O ano de 1993* descreve um mundo em que as cidades foram destruídas, ocupado por lobos selvagens, dominado por forças invasoras, habitado por obscuras personagens anônimas que se movem em grupos pelos campos, montanhas e desertos.

6

Nenhum lugar é suficientemente belo na terra para que doutro lugar nos desloquemos a ele

Mas uma razão haverá para que a todas horas do dia venham andando grupos de pessoas na direcção da rua das estátuas (SARAMAGO, 2005, p.524)

Tudo impregnado num medo apocalíptico centrado principalmente no atávico temor da desapareição do grupo<sup>5</sup> pelo enfrentamento, neste caso, com um grupo humano invasor e dominante.

19

Quando os habitantes da cidade se tinham já habituado ao domínio do ocupante

Determinou o ordenador que todos fossem numerados na testa como no braço se fizera cinquenta anos antes em Auschwitz e outros lugares

A operação era indolor e por isso não houve qualquer resistência nem sequer protestos

O próprio vocabulário sofreu transformações e haviam sido esquecidas as palavras que exprimiam a indignação e a cólera (SARAMAGO, 2005, p.580)

Descrição de uma sociedade em crise, o que tem sido chamado por distopia: um mal lugar, aquele que não se deseja como exemplo e que, em outras palavras, vai contra as ideias que forjam o imaginário da civilização moderna.

3

O elevador deixou de funcionar não se sabe quando mas a escada ainda serve

O que está para cima não importa do rés-do-chão ao vigésimo andar é senhorio do vento e das poucas aves que sobreviveram

Embora se afirme que em um dos milhares de compartimentos do edifício uma mulher ainda não parou o mais longo gemido da história do mundo

E também se diz que em outro dos compartimentos um homem aguarda que lhe cresçam as unhas o suficiente

[...]

Pelos corredores e salas reforçados consoante as correntes de ar as notas voam com aquele rumor que fazem as folhas secas quando roçam umas nas outras

Enquanto os lingotes de ouro brilham sob uma luz que misteriosamente não se apagou

Como uma espécie de podridão fosforescente e venenosa  
(SARAMAGO, 2005, p.512-514)

O ano de 1993 detalha poema a poema como as convenções sociais são levadas ao extremo do pesadelo quando um grupo humano domina totalitariamente a outro grupo, convertendo o aqui e agora da ficção como o não deveria ser de uma sociedade que no aqui e agora de fora do texto – Salazar primeiro, movimento contrarrevolucionário depois – já está.

20

Todas as calamidades haviam caído já sobre a tribo ao ponto de se falar da morte com esperança

Um pouco mais e o suicídio colectivo seria votado e decidido

Assim pela infinita planície as vozes inseguras se iam aos poucos calando como se a próxima paragem fosse a última e o soubessem (SARAMAGO, 2005, p.584)

É, portanto, poesia distópica com profundas raízes no político que permite ao seu autor, tal como diz Keller (1991, p.15): “la denuncia de los posibles e hipotéticos desarrollos perniciosos de la sociedad actual. Es este sentido está mucho más anclada en el presente que las utopías clásicas [...] deduce un mundo de pesadilla a partir de la extrapolación de realidades presentes”.

E não é acaso, nunca é em Saramago, que eleja o versículo para escrever sua distopia, forma particular da linguagem religiosa, porque se assume, então, não como adivinho de um futuro quase realizado e sim, como caracteriza Terry Eagleton o escritor deste subgênero, um profeta que “alerta al presente de que, a no ser que cambie profundamente, es posible que su porvenir sea sumamente desagradable” (2010, p.54.).

*O ano de 1993* incentiva, assim, a leitura alegórica, tão cara ao Saramago depois da poesia que lhe permitia, segundo Umberto Eco, fazer com que “el lector viaje en una niebla en la que ni siquiera los nombres propios dan una señal claramente reconocible”; que focaliza sobre os problemas que enfrenta a sociedade portuguesa de seu tempo, que se expande, por sua vez, a toda sociedade em qualquer época. E para acentuar a alegoria organiza visualmente o poema, estabelecendo-se numa imagem parada como uma paisagem de Dalí. E inicia sua obra com tais versos:

1

As pessoas estão sentadas numa paisagem de Dalí com as  
sombras muito recortadas por causa de um sol que diremos  
parado

Quando o sol se move como acontece fora das pinturas a  
nitidez é menor e a luz sabe muito menos o seu lugar

Não importa que Dalí tivesse sido tão mau pintor se pintou a  
imagem necessária para os dias de 1993

[...]

Vê-se agora que o sol não estava parado e portanto a  
paisagem é muito menos daliniana do que ficou dito na  
primeira linha (SARAMAGO, 2005, p.502-504)

E assim a obra além de distópica e política adquire desde seu início tintas surrealistas, no apenas na paisagem, nem na eleição do versículo<sup>6</sup> próprio da estética literária do movimento, mas na linguagem hermética,

16

Ou quando a penumbra miserável fizesse apetecer uma lenta  
dissolução no espaço (SARAMAGO, 2005, p.566)

ou o tom dramático

18

Mas ao apagar-se o fogo acontecerá a desgraça de todas mais  
temida porque come la seria o tempo do pavor sem remédio  
do negrume gelado da solidão (SARAMAGO, 2005, p.574)



Ei-lo, finalmente, em suas atrevidas imagens dalinianas que se impõem no poema em prosa surrealista como emblema ou símbolo que remete a uma realidade transcendente, secreta e oculta, tornando assim um conteúdo metafísico de maneira definitiva. Verdadeira dimensão plástica do poema analisado que nos permite buscar na obra do artista espanhol o equivalente dos versículos do escritor português. Vejamos alguns exemplos:



Salvador Dalí. *La tentación de San Antonio*. Óleo sobre tela (1946). Reprodução.

9

Passeiam [as aranhas] sobre os rostos espavoridos deslocando-se nas trémulas e altas patas (SARAMAGO, p.538)

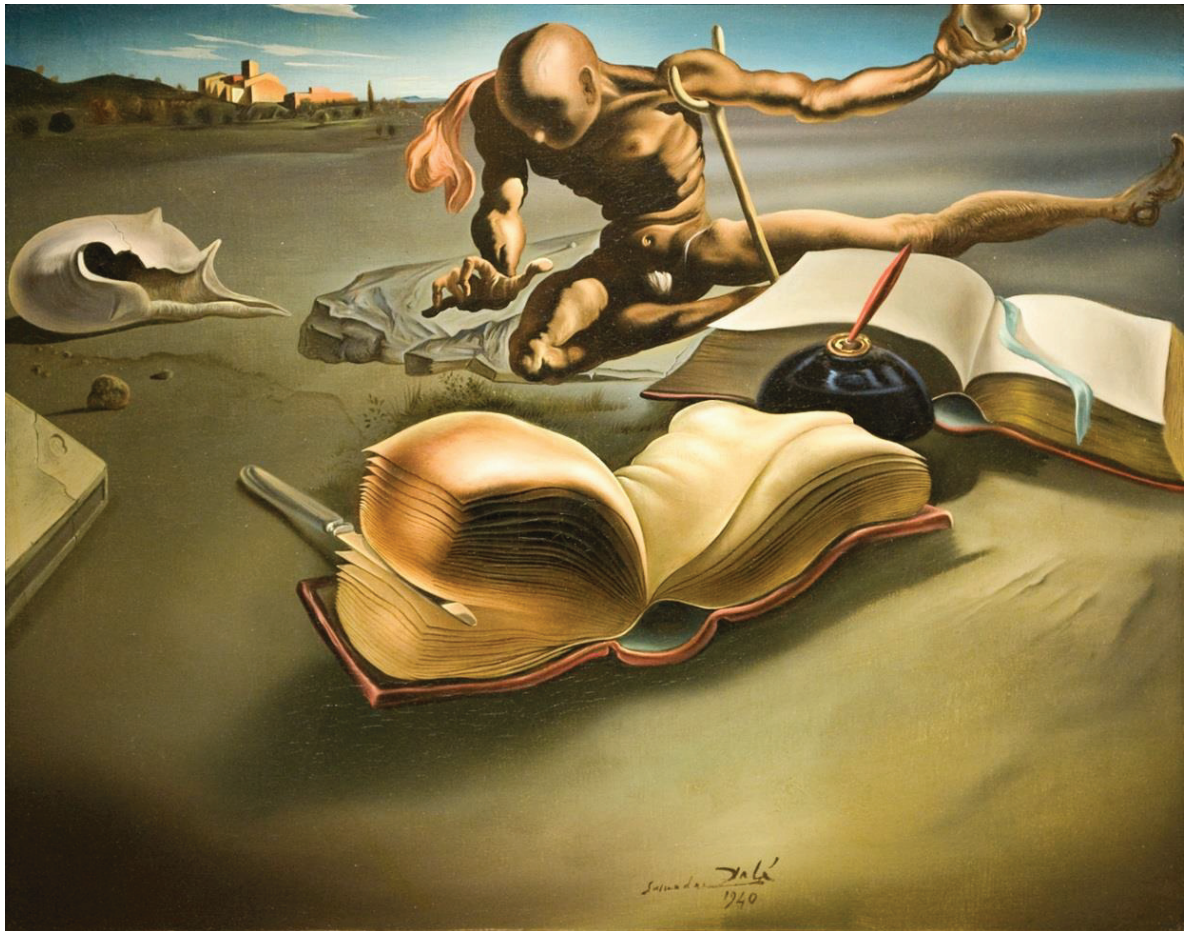


Salvador Dalí. *El ojo*. Óleo sobre tela (1945). Reprodução.

11

Só essas pessoas assistiram ao primeiro aparecimento do grande olho que iria passar a vigiar a cidade (SARAMAGO, 2015, p.546)





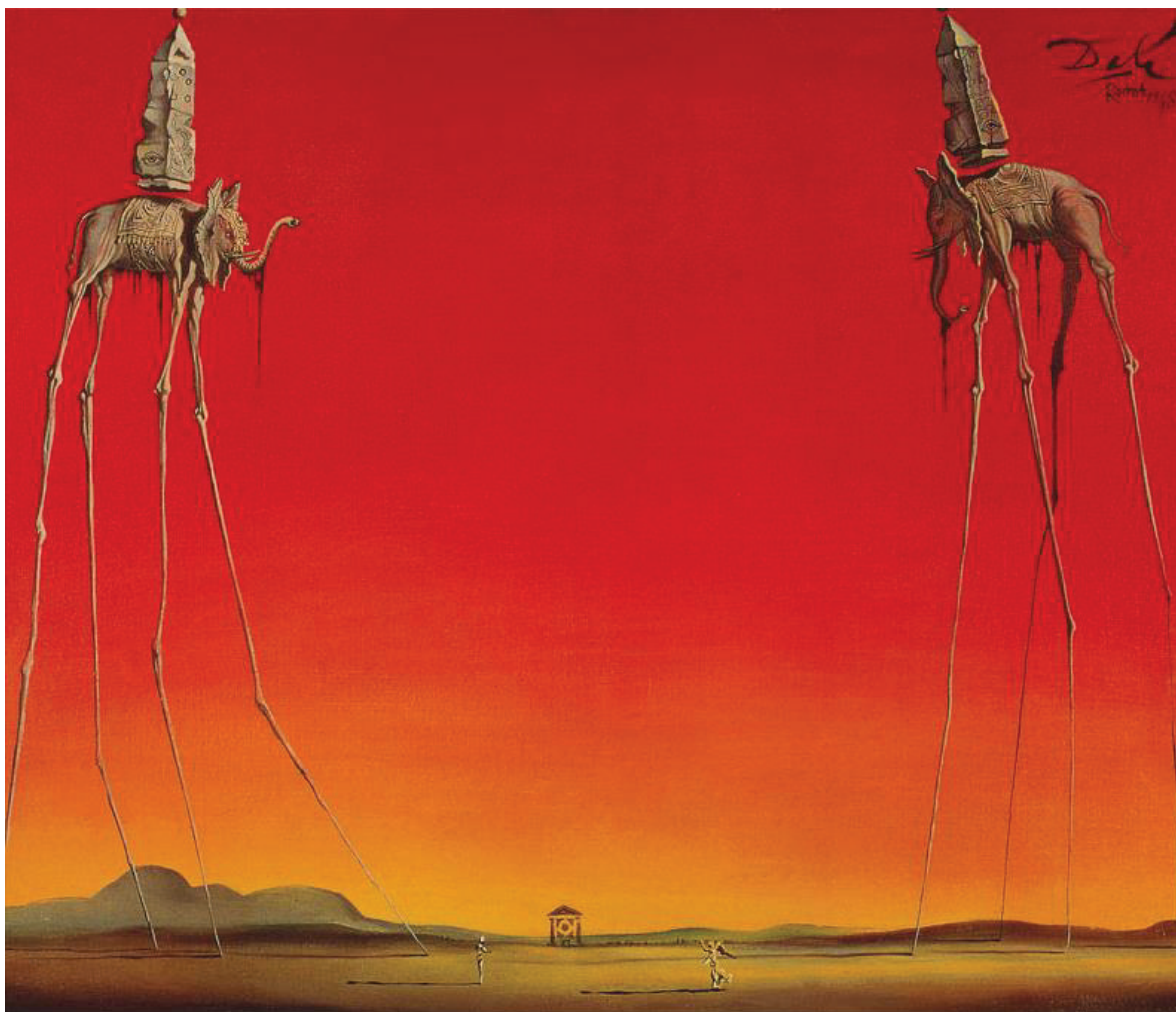
Salvador Dalí. *Libro transformándose en mujer desnuda*. Óleo sobre tela (1940). Reprodução.

16

Quando o sol nasceu e a hora saiu para o ar livre e para o mundo aprisionado

O homem sentou-se no chão dobrado como um feto

E prometeu morrer sem resistência se a lepra que lhe nascera não fosse nunca descoberta pelos companheiros que talvez ainda soubessem ler (SARAMAGO, 2005, p.568)



Salvador Dalí. *Los elefantes* (1948). Reprodução.

17

A mais terrível arma de guerra do desprezo foi o elefante  
(SARAMAGO, 2005, p. 570)





Salvador Dalí. *Niño geopolítico mostrando el nacimiento del hombre huevo* (1943).  
Reprodução

25

Alguns dias mais tarde nasceu uma criança e houve as melancólicas festas de então e todas as mulheres se declararam grávidas (SARAMAGO, 2005, p.610)



Salvador Dalí. *Venus y marinero* (1926). Reprodução.

29

E um homem e uma mulher caminharam entre a noite e as ervas naturais e foram deitar-se no lugar precioso onde nascia o arco-íris (SARAMAGO, 2005, p.626)





Salvador Dalí. *El arco iris* (1972). Reprodução

29

Entretanto o arco-íris tem voltado todas as noites e isso é um bom sinal (SARAMAGO, 2005, p.628)

Poesia ao estilo de André Breton (1896-1966), em que o poeta busca justapor a ação e o sonho; a revolução e o protesto. Sendo sua primordial característica a indagação sobre a condição humana através de uma forma poética por excelência irracional, alucinante, na qual a imagem se converte em ponto de referência fundamental, que se molda de acordo com o estilo pessoal do autor:

23

Os ordenadores utilizados pelo ocupante são alimentados a carne humana porque a electrónica não pode bastar a tudo

E também porque desse modo se introduz um rito sacrificial que com o tempo dará talvez uma religião útil ao ocupante por voluntária aceitação das vítimas

É porém sabido que nenhuma parcela de cerebro humano convirá que entre na câmara de alimentação dos ordenadores (SARAMAGO, 2005, p.598)



Como afirma Jorge Guillén (1893-1984), o Surrealismo é “una invitación al riesgo de la libertad imaginativa” (citado por Vicente, Gallarín e Santos, 1997, p.365) e José Saramago o adota desde 1975, para nunca mais abandoná-lo, nem da sua prosa romanesca nem dramatúrgica posteriores.

Antes de oferecer uma conclusão desta leitura sobre *O ano de 1993*, algumas citações nos levam a leituras anacrônicas de sua narrativa, o que nos permite corroborar a linha de pensamento constante e coerente que define nosso escritor:

– *Ensaio sobre a cegueira*, entendida como a história de uma peste branca que leva a destruição de uma cidade.

2

Os habitantes da cidade doente de peste estão reunidos na praça grande que assim ficou conhecida porque todas as outras se atulharam de ruínas (SARAMAGO, 2005, p.508)

Em que o homem fica cego como uma grande alegoria sobre a perda da razão do homem contemporâneo.

10

Caso em que teriam muito mais razão do que a toupeira que é cega ou quase e o homem não ainda que nesse sentido tenha feito alguns progressos (SARAMAGO, 2005, p.540)

– *O evangelho segundo Jesus Cristo* e a cena em que enumerando Deus todos os santos que serão martirizados em nome de Cristo, demonstra a inutilidade de sua imolação.

22

E porque os antigos deuses haviam morrido por inúteis os homens descobriram outros que sempre tinham existido encobertos pela sua não necessidade (SARAMAGO, 2005, p.594)

– *Levantado do chão* com seu “levantado e principal”.

28

Uma após outra as cidades foram reconquistadas e de todos os lugares afluíam as hordas que outro nome começavam a merecer

Vinham uns pelas planícies como vagarosos formigueiros  
outros subindo e descendo pelas lombas das colinas outros  
cortando caminho a meia encosta das montanhas  
(SARAMAGO, 2005, p.620)

– *Memorial do convento* e a reivindicação de cada um dos que trabalharam nessa, e em tantas outras obras faraónicas impostas pelo capricho do clero e o arbítrio de uma monarquia absolutista

28

E agora é necessário ir ao deserto destruir a pirâmide que os faraós fizeram construir sobre o dorso dos escravos e com o suor dos escravos (SARAMAGO, 2005, p.622)

– *A jangada de pedra* e uma península Ibérica povoada de mulheres grávidas.

25

Alguns dias mais tarde nasceu uma criança e houve as melancólicas festas de então e todas as mulheres se declararam grávidas (SARAMAGO, 2005, p.610)

Os trinta poemas de *O ano de 1993* podem ser ordenados em cinco momentos: **o avanço** da ditadura invasora e o exílio dos homens nos bosques; **o apogeu** da ditadura com suas torturas, a imposição de um grande olho e a implementação do panóptico penitenciário; **as flutuações** entre a esperança e a desesperança quando os homens desaprendem e voltam a aprender a controlar o fogo, esquecem e recuperam o significado do amor, e perdem a faculdade da linguagem, enquanto os animais biônicos se desenvolvem com o fim da perseguição e da opressão política; **a reconquista** com o surgimento da palavra, nascimento de uma criança e a aparição do arco-íris; e, finalmente, **a conclusão**, num último poema que se inicia com “Una vez más”, que se repete em vários versículos e se aproxima com a constante luta entre o pessimismo e o otimismo saramaguiano.

A citada aliteração “Una vez más” permite considerar a história cíclica na qual se reitera várias vezes a esperança e a desesperança dos homens pelo progresso de sua humanidade. Cíclica é também a estrutura deste trabalho que volta ao início e se detém nas duas epígrafes selecionadas por José Saramago, quem em muitas ocasiões revelou estarem nelas, em todas as suas obras, o porquê das narrativas e não cumpriam outra coisa que não justificar suas ficções.

Logo, tomando-as como linhas de leitura, nos atrevemos a afirmar que a primeira citação da autoria de Fernão Lopes (1380-1460) – “qualquier mentira que

posiblemente encontrara en este volumen, sería muy lejos de nuestra voluntad” – respalda a intenção de José Saramago de revelar uma dolorosa verdade histórica, a ditadura de Salazar, a ulterior derrocada do fascismo e a contrarrevolução com tintas de direita. A segunda epígrafe de Denis Diderot (1713-1784) – “Pero me parece que tu voz es menos ronca, y que hablas más libremente” – é extraída de *Jacques el fatalista*, título em que o filósofo francês analisa a esperança e sua recuperação, o fatalismo e o determinismo; ela dirige nossa atenção para a esperança de José Saramago, quem recuperado sua liberdade de expressão, a esperança de esclarecer sua voz através da ficção:

Se emprego uma vez mais e, ponderadas as circunstâncias da situação política que então se vivia, sem a menor possibilidade de o encontrar, tomei a decisão de me dedicar inteiramente à literatura: já era hora de saber o que poderia realmente valer como escritor. (SARAMAGO, 2008, s/p)

Erich From justifica no conhecido prefácio a *1984* de George Orwell (1961), que o romance do escritor inglês “es la expresión de un estado de ánimo, y es una advertencia”. Da mesma forma, nos atrevemos a dizer que *O ano de 1993* responde ao estado de ânimo de José Saramago nos anos convulsionados da Revolução e Contrarrevolução portuguesa. Um estado de ânimo que flutua entre “el dolor y la esperanza inmortal”, que o leva a expressar-se acerca da desesperança pelo futuro do homem; quando acreditava haver alcançado a concretude de seus ideais os vê desmoroná-los pelas artimanhas do poder.

5

Na cidade apenas vivem os lobos

Deste modo se tendo invertido a ordem natural das coisas  
estão os homens fora e os lobos dentro

Nada acontece antes da noite

Então saem os lobos a caçar os homens e sempre apanham  
algum

O qual entra enfim na cidade deixando por onde passa um  
regueiro de sangue

Ali onde em tempos mais felizes combinara com parentes e  
amigos almoços intrigas e calúnias

E caçados aos lobos (SARAMAGO, 2005, p.522)

Conclui José Saramago o círculo em torno do axioma difundido por Thomas Hobbes: o homem é o lobo do homem<sup>7</sup>. Ao descrever as situações não-humanas a que deve submeter-se os dominados pelo invasor totalitário, desnuda a pouca humanidade que acaba por fazer luzir nosso instinto mais animal.

E o Prêmio Nobel adverte, mediante as descrições desse lobo cujas mordidas de realidade obrigam a parar, respirar e refletir sobre o próprio ser humano, tomado e cego pelo poder, que se o homem perde a memória dos feitos passados, da sombra ante a qual sucumbiram as esperanças de tantos, a batalha entre o sofrimento e a felicidade, os homens, em sua totalidade, perderão sua condição humana e toda possibilidade de criar um mundo de justiça e de paz.

Para concluir as palavras do José Saramago poeta, lemos a contracapa da edição espanhola de *Poesía completa*:

Cerremos esta puerta.  
Lentas, despacio, que nuestras ropas caigan  
Como de sí mismos se desnudarían dioses.  
Y nosotros lo somos, aunque humanos.

#### Notas

\* Como parte da aula na Cátedra Libre José Saramago de 1º de julho de 2016, na Facultad de Lengua, da Universidad Nacional de Córdoba. Tradução de Pedro Fernandes de Oliveira Neto.

<sup>1</sup> Vale ressaltar para salvaguarda de todos que o próprio autor não fala sobre sua poesia no texto autobiográfico para o discurso de recepção do Prêmio Nobel.

<sup>2</sup> Da autobiografia de José Saramago (2008) disponível em  
<<http://www.josesaramago.org/autobiografia-de-jose-saramago/>>

<sup>3</sup> Depois de uma tentativa de insurreição por parte dos setores mais radicais do Exército, a direita toma a iniciativa dissolvendo o COPCON (Comando Operacional do Continente) liderado por Saraiva de Carvalho, isolando o Partido Comunista e paralisando as nacionalizações e a reforma agrária.

<sup>4</sup> Os números entre parêntesis referem-se à seguinte edição *Poesía completa* (Buenos Aires: Alfaguara, 2005).

<sup>5</sup> Em todas as culturas o principal medo coletivo é o do desaparecimento do grupo. Mas, não em todas o discurso produzido tem sido o mesmo nem foi construído com a mesma complexidade e profundidade. Há quem defenda que o discurso mais sofisticado do medo da desaparecimento da comunidade seja o da civilização judaico-cristã mesmo que “sólo el

Pueblo judío ha elaborado el género apocalíptico, transmitiéndolo a su vez al cristianismo”, cf. Duque (2000, p.144, citado por Del Molino 2012).

<sup>6</sup> A métrica define o versículo como o verso que ostenta uma extensão não fixa que não segue nenhum tipo de rima e não conta com uma quantidade de sílabas e métricas determinadas. Em outras palavras, um verso de extensão indefinida, sem rima, que se sustém unicamente pela coesão interna de seu ritmo. Na poesia moderna, o Surrealismo soube utilizar como característica distintiva de seus poemas os versículos, evidenciando suas estreitas relações com o verso livre e o poema em prosa. Paul Claudel (1868-1955) defende como formulação híbrida perfeita o versículo, porque nele se combinam, formando um todo harmonioso, pensamento e ritmo.

<sup>7</sup> “O homem é o lobo do homem” (*homo homini lupus*, em latim) é uma frase célebre extraída da obra dramática *Asíñaria*, do comediógrafo latino Plauto (250-184 a.C.) mas que foi popularizada pelo filósofo do século XVIII Thomas Hobbes em sua obra *O leviatã* (1651) sob o juízo de que o estado natural do homem é luta contínua contra seu próximo.

### Referências

- ADORNO, Theodor. “Discurso sobre lírica y sociedad”. In: *Notas sobre literatura*. Madrid: Akal, 2003, p.49-67.
- DEL MOLINO, Ricardo. “El discurso del miedo apocalíptico y sus representaciones cinematográficas durante la Guerra Fría”. In: *Comunicación y ciudadanía*. Colômbia: Universidad Externado de Colombia, 2012. Disponível em: <file:///C:/Users/usuario.salas/Downloads/Dialnet-ElDiscursoDelMiedoApocalipticoYSusRepresentaciones-4321760.pdf>
- ECO, Umberto. Prólogo a “El cuaderno” de José Saramago. In: SARAMAGO, José. *O caderno 2*. Lisboa: Editorial caminho, Fundação José Saramago, 2009.
- SARAMAGO, José. “Autobiografia”. Lisboa, 2008. Disponível em: <http://www.josesaramago.org/autobiografia-de-jose-saramago/>
- EAGLETON, Terry. “La utopía y sus opuestos”. Tradução: Ana Useros. In: “Utopía-Contra-utopía III”. *Minerva*. Madri: Círculo de Bellas Artes de Madri, n. 15, outubro de 2010.
- KOLEFF, Miguel. *Apuntes saramaguianos II: José Saramago. Un acercamiento al lector*. Córdoba: Universidad Católica de Córdoba, 2005.
- VICENTE, María Victoria Ayuso de; GALLARÍN, Consuelo García; e SANTOS, Sagrario Solano. *Diccionario de términos literarios*. 2 ed. Madri: Ediciones AKAL, 1997.
- KELLER, Estrella López. “Distopía: otro final de la utopia”. In: *REIS*. Madri: Centro de Investigaciones Sociológicas, n.55, jul.-set., 1991, p.7-23.
- SARAMAGO, José. *Cuadernos de Lanzarote II* (1996 - 2000). Buenos Aires: Alfaguara, 2001.
- SARAMAGO, José. *Poesía completa*. Buenos Aires: Alfaguara, 2005.